



Obrigado, Senhor

O ARAUTO

DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 15 DE NOVEMBRO DE 1978





—Jorge de Barros

Povos de regiões árticas têm escassez de luz. Para alguns, a reaparição do sol, após seis meses de escuridão, é momento dramático. Soam gritos e, numa explosiva e quase infantil manifestação de regozijo, milhares de pessoas pulam e dançam.

Ouvi há tempos o testemunho dum mineiro que passou três dias soterrado. A impressão mais forte do homem foi a deixada pelas trevas. Perdera a noção de dimensões, a consciência de objectos próximos, a esperança de abrir caminho para a segurança do mundo acima dos escombros da mina que desabara.

Após muitas horas de perfuração, a brigada de salvamento conseguiu abrir um orifício de poucos centímetros até o lugar onde o mineiro se encontrava. Arriaram-lhe uma pequena lanterna eléctrica. A alegria da luz injectou-lhe esperança e maior apego à vida. O homem cantou.

Jesus Cristo chamou aos Seus amigos "a luz do mundo". Será para nós uma imagem presunçosa? O cinema chama aos seus artistas de *estrelas* e *astros* e faz cintilar os seus nomes em mil edifícios da terra. Que tem a ver essa gente sofisticada com a multidão, por vezes anónima, dos seguidores de Jesus? A quem caberá com propriedade, o título radiante?

Fiquemos com a declaração de Jesus Cristo: "Vós sois a luz do mundo". Nela o Filho de Deus realçou a importância vital da passagem do crente pelo mundo.

É uma presença que alegra. Fazemos um desfavor

ao Evangelho quando o associamos a um bando de indivíduos solenes que só abrem a boca para proferir mandamentos ou orações elaboradas. Os amigos de Jesus encontraram a fonte da alegria. O próprio Senhor chamou-os "filhos das bodas". Escreveu o Salmista que na presença de Deus "há abundância de alegria". Os olhos brilham sempre que neles reflecte a luz que vem de Deus. A receita permanente de Paulo aos cristãos de Filipos faz sentido nesses dias em que muitos pretendem roubar ao Evangelho a espontaneidade da sua alegria. O Apóstolo disse: "Alegrai-vos sempre no Senhor. Outra vez vos digo, alegrai-vos" (Filipenses 4:4).

"Vós sois a luz do mundo."

É uma presença que revela e esclarece. Quando a religião é apenas um amontoado de fórmulas, teorias e mistérios, para nada vale. Quando é força para as lutas da vida, ânimo nos instantes de prova, poder que discerne e escolhe bem, conforto e ajuda em horas tensas, esperança e firmeza em todas as ocasiões—sim, então é válida e merece ser cultivada. Resplende e atrai como a luz.

Os barcos mais sofisticados ainda dependem de faróis humildes. Estes advertem de perigos e apontam rotas seguras. Aqui, todo o cristão, por mais humilde, encontra a analogia do seu papel na sociedade. Quando Jesus Cristo disse "Vós sois a luz do mundo", abriu a você e a mim a porta para um viver alegre que de nada se envergonha: empenha-se em glorificar a Deus e mostrar o Seu Caminho. □

OFERTA DE GRATIDÃO

Em parte alguma da Bíblia se ensina que a prosperidade material seja intrinsecamente má. O próprio Jesus falou dela como sendo boa. A Sua única advertência concernente às posses diz respeito à atitude para com elas. Um amor exagerado ao dinheiro, advertiu, conduz a toda a espécie de males. De facto, a idolatria é, segundo William Barclay, tomar como fim o que devia ser apenas um meio para o atingir.

Em essência, o mais importante não é quanto se possui, mas o que se faz com esses recursos. Foi o que levou o Mestre a tecer os maiores elogios à pobre viúva que colocara na caixa das ofertas a última moeda que tinha—em oposição aos contribuintes ricos que lançavam grandes quantias. A pobre senhora podia ter sido materialista, mesmo na sua pobreza, aproveitando o dinheiro em benefício próprio. Os ricos, dando sem reservas, podiam ter evidenciado uma devoção genuína e vital.

Wesley aconselhou os primeiros metodistas a ganharem quanto dinheiro pudessem, mas exortou-os, ao mesmo tempo, a darem quanto pudessem. O Salmista identifica nestas palavras a verdadeira atitude para com as riquezas terrenas: "O justo compadece-se e dá" (Salmo 27:21). É a salvaguarda mais segura em não permitir que o ouro se torne o nosso deus.

A oferta de gratidão proporciona uma excelente oportunidade de mostrarmos uma relação adequada para com Deus e o ouro. Os nazarenos têm sido abençoados com riquezas maravilhosas. Isso pode não significar somente bênção. Apenas dando mais ficaremos protegidos contra o que E. Stanley Jones chamou "materialismo subtil". Com gratidão o dizemos, o nosso registo de mordomia é louvável. A maioria do nosso povo é dizimista. Isso é bom, mas não suficiente. A generosidade começa onde termina o dízimo.

A oferta de gratidão resultará na salvação de inúmeras almas, contribuindo para que missionários e pregadores nacionais façam boa colheita espiritual. Este é, com certeza, o motivo essencial da nossa generosidade. Mas tal interesse cristão também salvará aqueles que dão com tacahez de espírito, que é o resultado de consentir que a riqueza se torne senhora em vez de serva. Quem "se compadece e dá" ficará livre da opressão das suas poses!



—Eugene L. Stowe
Superintendente
Geral

GRATIDÃO

—Fernando de Sá Nogueira*

Olho o sol aquecendo a terra, vitalizando as plantas,
colorindo os homens. Miro a lua prateando o mar, rios e lagos.
Pássaros gorgeando. Ventos balançando tonalidades de verde.
Natureza pródiga, fecunda, viva, divina.

Amanhecer silencioso cheio de poesia. Chão burilado. É
geada que caiu. Folhas que murcham, que despencam dos
ramos, alimentam o úbere solo. É plano. É ordem. É tudo.
Uma sinfonia de sons e de cores.

O Maestro de batuta rege o mundo criado da ponta de
Seus dedos.

Olho, contemplo e vejo a grandeza de Deus.
Compreendo sem entender.

Grito para dentro de mim mesmo, acordando-me do
sono acordado. Por que tanta bondade, tanto amor, tanto
carinho no fazer as coisas para seres como eu? Não entendo o
amor divino. É grande, infinito, transcendental.

Graças Te dou, ó Deus! Tu és imenso. Infinito. Sem ser
minha, de novo, Te dou a minha vida. Do nada que tenho, Te
ofereço para que dele faças tudo, pois do pó que nada era,
fizeste o homem que sou.

Em "acção de graças" a Ti me ofereço. Aceita-me.

*Campinas, S. Paulo, Brasil

foto por Luoma

O ARAUTO DA SANTIDADE

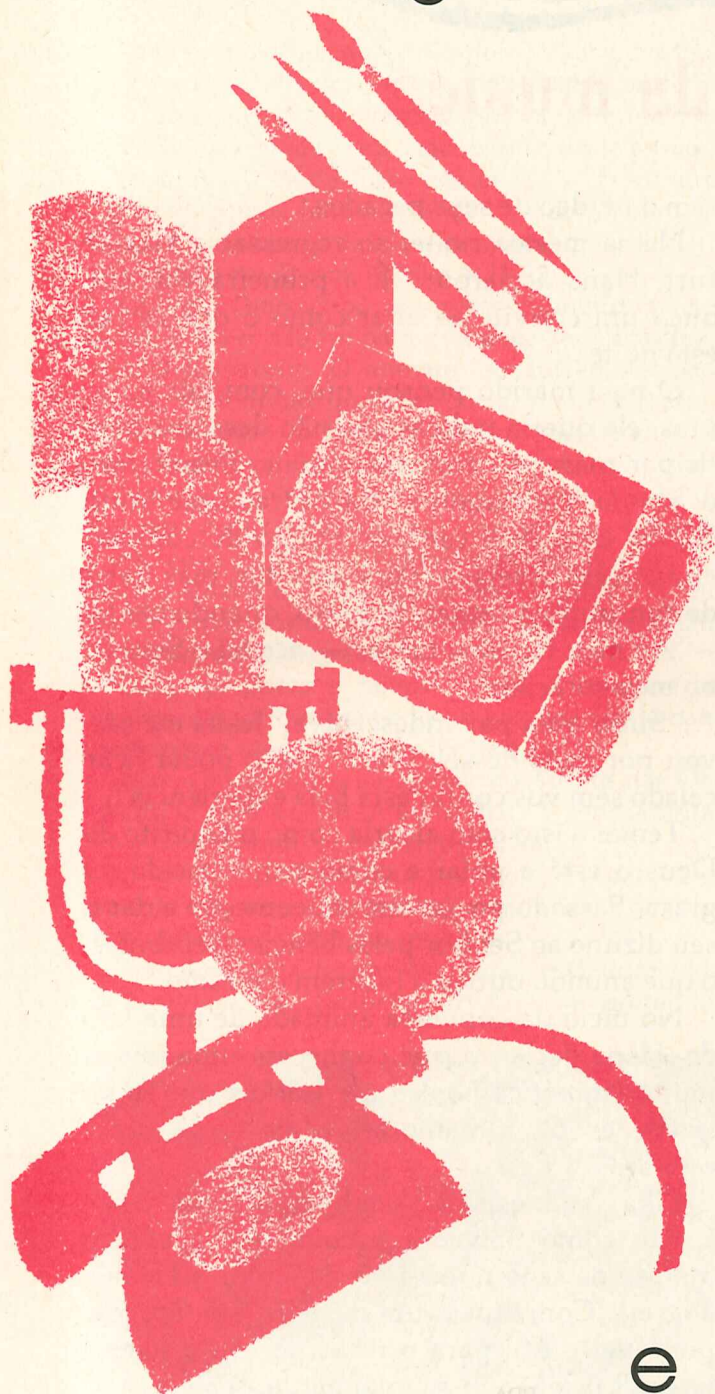
H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
M. ODETTE PINHEIRO, Redactora
DANIEL D. GOMES, Ilustrador e Revisor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

Volume VII 15 de Novembro de 1978 Número 22

O ARAUTO DA SANTIDADE é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações—Português—da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.0. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: \$2.00 a year in advance; single copy, 10 cents. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

evangelismo



e comunicação

Se me tivessem dito, quando jovem imberbe, que um coro de 25 vozes podia cantar sem piano nem órgão, usando apenas uma fita electromagnética enrolada dentro duma caixa de plástico, que ao ser tocada por um gravador, reproduz a música de 35 instrumentos, eu não acreditaria.

De facto, custou-me levar a minha inteligência a aceitar os famosos rádios transistorizados que surgiram no princípio da década dos cinquenta.

Mas não pude deixar de me regozijar, ainda que algo admirado, quando assisti a um culto em que Billy Graham foi evangelista, e a rádio e televisão fizeram proezas extraordinárias captando imagens, sons, mensagem, cantos congregacionais e entrevistas particulares.

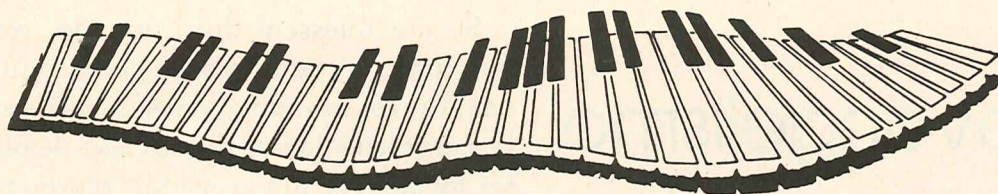
A Casa Nazarena de Publicações tem várias cassetes gravadas para uso congregacional. O dirigente de música pode marcar o compasso e seleccionar algumas estrofes, de modo que quem passa do lado de fora da igreja pensa que há um grande pianista a acompanhar o coro ou a congregação. Que maravilha!

Também se podem adquirir programas de televisão de 15 ou 30 minutos e até de uma hora para serem usados em acampamentos ou igrejas. Já não se trata de equipamentos especiais que só os ricos podem ter. Os instrumentos de comunicação têm proliferado por toda a parte. Objectivo? Tornar o evangelho mais acessível ao povo. Primeiro, gramofona; depois, discos de 45 e de 33 rotações, fitas electromagnéticas em bobines, cassetes e, talvez, venham a seguir instrumentos electrónicos de bolso controlados à distância.

A comunicação do evangelho continua o seu curso. Com música ou sem ela, a igreja serve-se de todos os instrumentos de transmissão para espalhar a mensagem.

Mas devemos ter cuidado em que os aparelhos electrónicos não substituam a palavra de viva voz. Você e eu temos a responsabilidade de falar, comunicar e viver o evangelho. Este é o evangelho que não se expressa através de fios ou ondas, mas de um coração quente que ama o pecador e que lhe diz em palavras simples e convincentes: "Apresento-lhe o meu Salvador". □

—H. T. Reza



o ministério da música

—Alice Johnson

Hans Mehlretter, alemão, testifica que a música foi o meio pelo qual conheceu Jesus Cristo como Salvador.

Deus tocou o seu coração através de um hino evangélico na Igreja do Nazareno de Kaiserslautern, Alemanha.

Hans fora criado num orfanato durante os dias infaustos da Segunda Guerra Mundial, que deixou o seu país dividido e destruído. Ensinaram-lhe a apreciar os valores espirituais, os quais o ajudaram a livrar-se de vícios como do cigarro e das bebidas alcoólicas. Deram-lhe altos ideais morais da vida.

O primeiro contacto com os nazarenos foi através de alguns amigos que nós tínhamos convidado para nossa casa.

Hans gostava de cantar e sabia como fazê-lo, porquanto frequentara estudos superiores de música, especializando-se em ópera. Entretanto, depois de terminar os estudos decidiu mudar de profissão. Conseguiu um emprego no governo em que era exigido o domínio do inglês e do espanhol, pois teria de viajar por vários países onde se falavam esses idiomas.

A música ajudou-nos a estabelecer amizade com Hans. Ainda me lembro das tardes em que cantávamos as belas melodias da Europa.

Aquele jovem, ao familiarizar-se com a música da nossa igreja, descobriu uma nova fonte de riqueza espiritual.

Quando se proporcionou a oportunidade de iniciar os cultos na cidade de Kaiserslautern, o meu marido pediu a Hans para cantar durante a semana especial de abertura e disse-lhe que anunciaria a sua participação musical. Ele aceitou.

Quase ao findar o segundo culto dessa semana, Hans cantou um hino de convite ao altar. Algumas pessoas foram orar e recebe-

ram o perdão de seus pecados.

Nessa mesma noite, ao regressar a Frankfurt, Hans declarou: "É a primeira vez que ouço um convite ao altar como o que se fez esta noite . . ."

O meu marido pensou que, com tais palavras, ele queria indicar que não desejava participar mais nos cultos especiais. Entretanto, o jovem continuou: "Encontrava-me num dilema enquanto cantava o hino de convite: eu também desejava ir orar ao altar, mas tinha de continuar a cantar. Por isso, quando cantei — "Ao meu lar, sem tardar" — aceitei o Senhor no meu coração.

"Sinto uma paz indescritível. Jesus me salvou por meio desse canto . . . não podia ficar calado sem vos contar esta bela experiência".

Temos visto com alegria como o Espírito de Deus o está a guiar e como tem crescido na graça. Passado pouco tempo, começou a dar o seu dízimo ao Senhor pelas bênçãos recebidas, o que animou outros a fazerem o mesmo.

No meio da conversa animada de uma tarde, Hans declarou que conhecera uma jovem muito simpática no seu escritório e que tinha intenções de a namorar. Mais tarde casaram-se.

Elka, sua esposa, também aceitou Jesus Cristo como Salvador e compartilha com o marido os seus nobres ideais, amor a Deus e à igreja. Constituem um lar feliz, cristão, responsável e útil para o reino do céu e para a igreja. Entregaram-se totalmente ao Senhor.

O emprego de Hans fez com que mudasse de país. Vive actualmente na capital dos Estados Unidos, onde ocupa um lugar importante no Banco Mundial.

Entretanto, testifica que a música, um hino de convite ao altar, foi o meio pelo qual Deus o tocou e lhe deu perdão dos pecados. □

"PARA LOUVOR DA SUA GLÓRIA"

—Vicente Longo

Já há muitos anos que o Senhor me salvou. Meus pais converteram-se ao evangelho quando eu tinha três meses de idade. Cresci à sombra da igreja. Esta circunstância ajuda-me a tratar o tema deste artigo.

O apóstolo Paulo disse aos efésios: "Em quem, também, fomos feitos herança . . . com o fim de sermos para louvor da sua glória, nós, que primeiro esperámos em Cristo" (Efésios 1:11-12).

Quando Deus criou os nossos primeiros pais— Adão e Eva— não foi para que pecassem, mas para que O louvassem. O homem tem qualidades para o fazer melhor que qualquer outra criatura da terra.

Apesar disso, o homem pecou, desobedeceu a Deus e deixou de O louvar. Até o povo de Israel contaminou o seu louvor a Deus e bailou à volta da imagem duma criatura do reino animal, feita de ouro, enquanto Moisés recebia as tábuas da lei no Monte Sinai. Contudo, nunca deixou por completo de O louvar, tanto ao atravessar o Mar Vermelho como em outras ocasiões.

Daví, rei poeta e salmista, disse: "Louvarei ao Senhor em todo o tempo: o seu louvor estará continuamente na minha boca" (Salmo 34:1).

Jesus Cristo, antes da agonia no Monte das Oliveiras, louvou a Deus. A Bíblia diz: "E, tendo cantado o hino, saíram . . ." (Marcos 14:26).

O Senhor usou o louvor por meio do canto. Depois de Sua ascensão, os discípulos, a Seu exemplo, continuaram a cantar nas reuniões.

Actualmente a igreja, em geral, está dominada pelo relógio, pelo factor tempo. Com isto pretende-

mos, muitas vezes, até controlar o próprio Espírito Santo. O que conseguimos é afugentá-IO das nossas reuniões de louvor. Daí os cultos resultarem sem interesse e monótonos.

Em semelhantes reuniões, os crentes não passam de meros espectadores. Raramente participam, porque há solistas, trios, quartetos e coro especializados. Tudo está bem. Mas o povo de Deus deve participar mais no louvor.

Daví recorda esta verdade no Salmo 66. Por meio deste belo poema, Deus falou comigo de manhã cedo mostrando-me que fomos criados para louvor da Sua glória.

A Bíblia diz que passaremos à eternidade louvando e cantando ao Senhor: "E ouvi a toda a criatura que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e que está no mar, e a todas as coisas que neles há, dizer: Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas acções de graças, e honra, e glória, e poder, para todo o sempre" (Apocalipse 5:13).

Quando os filhos de Deus louvam ao Cordeiro, a presença do Espírito Santo torna-se real, toma posse da reunião; os crentes desejam participar, testificar, cantar; os pecadores convertem-se e acontecem coisas extraordinárias.

Têm-se dado casos em que pessoas se convertem a Cristo depois de terem ouvido a pregação, quando foram atraídas à igreja pelos hinos de louvor.

O apóstolo Paulo diz que fomos criados "para louvor da Sua glória". Cumpramos, pois, tal finalidade. □



O declínio da adoração pública é evidente a qualquer observador. Razões plausíveis vêm imediatamente ao pensamento: ignorância religiosa e, em geral, falta de sensibilidade espiritual; consciência egoísta que mede tudo à base da utilidade e da matéria; cultura emocional dando primazia aos prazeres; e, ainda, falta de certas igrejas em pregar a mensagem da salvação, esperança e transformação.

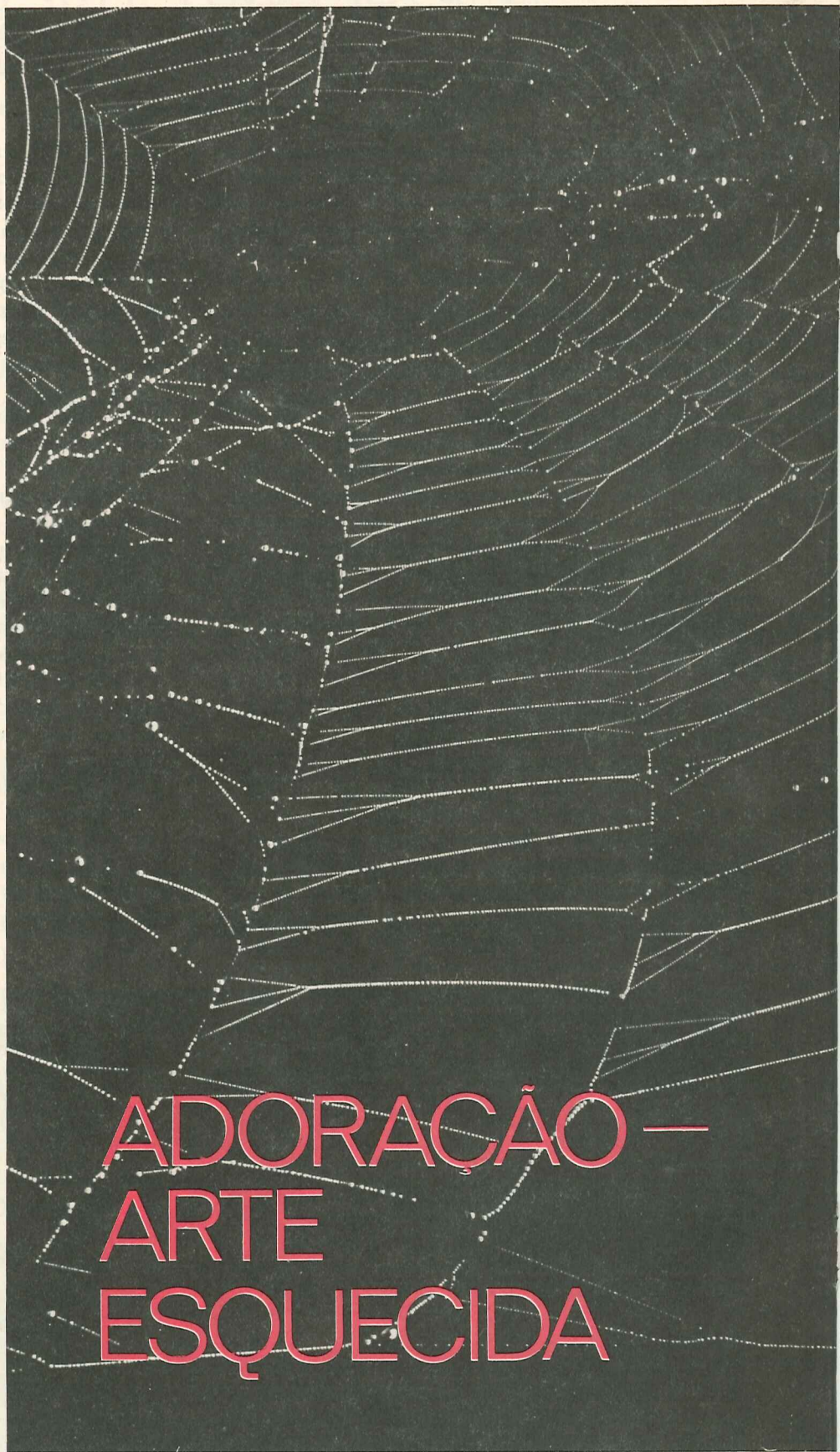
A ênfase exagerada à experiência pessoal e privada tem contribuído, sem dúvida, para a anemia da adoração pública — e, em parte, pode ser seu resultado.

A própria igreja frequente e inconscientemente tem concorrido para essa baixa, salientando as razões pouco importantes da adoração. Quantas vezes se apresenta apenas o seu proveito material. São prometidos muitos benefícios psicológicos, sociais, físicos e até monetários. Há quem afirme que a “melhor” igreja é a que mais contribui para a saúde, felicidade e prosperidade do indivíduo.

Como consequência a adoração possui um significado que não vai muito além de utilidade social. Dean Sperry observou que, para muitos, a adoração não passa de um fim em si mesma. Deve ser praticada porque “é salutar para bons governos, negócios honestos, integridade de carácter, obediência à lei, paz mundial...”

Semelhantes razões secundárias para adoração pública — embora importantes noutro sentido — podem muito bem ser incrementadas por outras organizações que promovam o bem-estar dos cidadãos, dando-lhes uma vida de comodidades, novas formas de prazer, vários tipos de diversões e exaltações emocionais.

A adoração tem diminuído, em parte, porque se ignora nela o lado de Deus. O homem tornou-



ADORAÇÃO — ARTE ESQUECIDA

-se o centro em muitos campos. Assim o incrédulo chegou à conclusão de que pode ter os mesmos benefícios fora dos exercícios da igreja. Para ele um fim de semana passada à beira-mar ou lago é mais proveitoso que as recompensas da adoração em comum.

Obviamente, a adoração não é restrita a um lugar particular. Jesus declarou que aqueles que O adoram devem-no fazer "em espírito e em verdade" (João 4:24). A verdadeira adoração não exige um belo santuário, embora isso possa ajudar a haver bom ambiente.

Como um dos escritores bíblicos tinha em mente, o poder da adoração congregacional em admoestar os cristãos não é para que abandonem "a congregação, como é costume de alguns" (Hebreus 10:25).

Cada sociedade adora alguma coisa. Faz as suas imagens conforme os deuses que adora —bens materiais, sexualidade, toda a espécie de prazeres.

Por ter sido pervertido o sistema de valores do homem e ofuscados os seus ideais, a adoração a Deus perdeu o seu verdadeiro sentido. A adoração pública expressa crença religiosa. A sua decadência evidencia uma fé morta.

Embora o homem possa negligenciar a adoração, continua viva a inclinação para praticá-la, pois toda a pessoa procura significação na vida. O vácuo que nós próprios criamos tornar-nos-á infelizes. O homem desenvolve, então, uma falsa cultura à volta da caricatura de Deus. Põe novos deuses —que "não são deuses"— no altar do seu coração. Então a idolatria cresce e floresce na sua forma mais subtil.

A verdadeira adoração isenta do sentimentalismo, egoísmo e subjectivismo. Faz-nos mais conscientes de Deus e menos de nós

próprios. Sem isso a religião concentra-se em si mesma e conduz-nos à perversão do espírito religioso.

Neste clima, acaba-se por confundir a religião com o estado de consciência e considerar a adoração pelos êxitos ou fracassos em conservar vivos os "sentimentos" religiosos. Os que assim procedem, convertem-se em "críticos de sermões" e "visitadores de igrejas".

O verdadeiro adorador exalta a Deus, posta-se em reverência diante da Sua majestade e poder, sente-se indigno de estar na presença da Sua santidade. Adorar é reconhecer a dependência de Deus e alegrar-se nas coisas do Espírito. É entregar-se completamente —inteligência, vontade e emoções— à Sua justiça.

O bispo Temple escreveu: "Adoração é vivificar a consciência com a santidade de Deus, alimentar a imaginação com a Sua beleza, abrir o coração ao Seu amor e dirigir a vontade segundo os Seus propósitos".

A adoração não é simples cumprimento de um acto em dado momento isolado do resto da semana. É antes, segundo as palavras de Russel Metcalfe, "estar consciente da presença de Deus e corresponder-lhe em amor e obediência durante toda a vida, revelando a glória de Deus em todas as facetas da personalidade".

A adoração coloca, em primeiro lugar, Deus e a honra que Lhe é devida. Portanto, tem um aspecto educativo. Deve existir um profundo conhecimento da glória de Deus e das limitações do homem. A adoração deve incluir a revelação divina e os tesouros dos pensamentos e sentimentos religiosos.

Adoração é edificação, o crescimento do corpo de Cristo. Não é passatempo. A oração e o canto servem para concentrar em Deus,

fonte da vida do homem, a atenção das nossas faculdades espirituais e também exprimir a nossa dependência do poder divino.

Sem a leitura ou exposição das Escrituras a adoração é incompleta. Na religião dos hebreus a lei antiga era sempre lida para inculcar no povo os grandes princípios morais.

A oferta a Deus de alguns símbolos tangíveis —dízimos, votos e ofertas— fazem parte necessária da adoração por se reconhecer, através deles, a dívida do homem quanto à coisas materiais que possui no ambiente social.

A nossa oferta deve ser algo em que temos investido trabalho e vida. Só assim damos a Deus o eu e tudo o que mais amamos.

É inútil a adoração que cumpre o dever religioso e se isola dos afazeres diários da vida. Só através dela se aprendem as implicações sociais da submissão e consagração religiosas da vida em conformidade com os preceitos de Deus.

O serviço e obrigações comunitárias ultrapassam o individualismo ou qualquer conveniência social de ordem prática. Têm, implícitos, o castigo e as recompensas divinas. Na adoração o lugar, tempo e pessoas que a dirigem, são sinais permanentes de reconhecimento humano quanto ao supremo domínio de Deus sobre todas as coisas.

Por tal motivo o "Dia do Senhor", como também de adoração, deve ser guardado conscienciosamente. Serve para afastar o homem das atracções desordenadas oferecidas pelos prazeres deste mundo. Um dia de adoração é um instrumento de libertação. Recorda ao homem que ele é mais que simples ser económico, político e social.

Os valores da adoração congregacional são numerosos. Oferecem ajuda moral e direcção; encorajam e lembram ao homem

distraído, os mandamentos de Deus; levam o adorador a fugir da indiferença e do mundanismo dos nossos dias.

Mais ainda, aquele que não adora publicamente sujeita-se a perder a perspectiva do valor da adoração familiar no lar.

Na adoração o homem é elevado a um novo nível de santidade. É uma via pela qual a obra de Deus se opera nele. A "oferta de um coração puro" faz parte essencial da adoração a Deus e da perfeição cristã que começou na conversão.

Na adoração Deus é sempre o participante principal, mas isso não quer dizer que o adorador seja mero espectador.

A adoração em conjunto estimula a devoção pessoal. Da parte do homem implica uma entrega total de si mesmo a Deus. Da parte divina, a concessão da graça transformadora, possuindo e enchendo a alma.

A auto-consagração é propulsionada pelo amor. Mas este não destrói a personalidade. Pelo contrário, é criativo no mais alto grau, e traduz-se em auto-aceitação e liberta todo o potencial humano.

A adoração dá ênfase à responsabilidade e capacidade de cada adorador, é uma chamada universal à santidade, profunda convicção do pecado separado da graça, paixão pela sinceridade, auto-disciplina e devoção ao Senhor.

Serve para formar o adorador segundo o modelo de Cristo e capacitá-lo a viver no "poder da ressurreição" (Filipenses 3:10). Esclarece a missão de Jesus e chama os homens ao bem-estar espiritual e até temporal. Adoração e trabalho andam juntos, pois a adoração é conhecida pelos seus frutos.

Deus está sempre a ver-nos. Na adoração nós vemo-LO a Ele. Graças à visão espiritual, os nossos temores se convertem em fé e Cristo será em nós o Senhor de tudo. □

—John A. Knight

sejamos agradecidos

—Morris Chalfant



Winston Churchill contou certa ocasião uma pequena história que nos mostra como algumas pessoas podem ser ingratas.

Tratava-se dum marinheiro que mergulhara nas águas do porto de Plymouth para salvar uma criança de se afogar. Alguns dias mais tarde o corajoso herói encontrou o menino com a mãe nas ruas de Plymouth. O menino acotovelou a mãe que se recordava de alguma vez ter visto o homem em qualquer lugar. Contudo não podia precisar bem onde, por isso perguntou-lhe: "É você o homem que tirou o meu filho da água?"

O marujo sorridente e amável respondeu alegremente: "Sim, senhora". Passou-lhe rapidamente pela mente que a senhora se desfaria em mil agradecimentos.

Mas ela surpreendeu-o. O seu rosto tornou-se carregado e os lábios deixaram de sorrir, quando lhe perguntou: "Então, onde está o boné do meu filho?"

Muitos de nós certamente não seríamos tão rudes e ingratos na presença dum benfeitor, como essa senhora que actuou como se o boné fosse a coisa mais importante na vida. De qualquer modo, e mesmo tratando-se de casos que não sejam emergências e incidentes graves, como devemos proceder para ser agradecidos?

Uma definição exacta de ingratidão, que não se encontra geralmente nos dicionários, poderia ser:

"Ingratidão é a atitude de alguém que recebe um favor em perfeitas condições sem o apreciar como devia em relação a quem o faz, seja humano ou divino".

Um vizinho simpatizou certo dia com uma senhora de idade pequena e franzina, por ter apenas dois dentes do lado esquerdo. Mas ela com um sorriso soube responder: "Tanto os mais humildes como os mais nobres se juntarão um dia, graças a Deus!"

O multimilionário Andrew Carnegie deixou um milhão de dólares a um dos parentes que o amaldiçoou por ter legado 365 milhões a obras de caridade pública e para ele destinara . . . apenas um desprezível milhão".

Samuel Leibowitz, juiz e advogado, salvou 78 homens da cadeira eléctrica. Nenhum deles teve a preocupação de lhe agradecer.

Não há criatura tão ingrata como o ser humano. Mesmo os animais raramente são capazes de morder a mão que lhes dá comida. Não acontece isso com o homem.

Há muitos anos, segundo diz a história, um rei piedoso andava preocupado com a ingratidão da sua corte. Preparou um grande banquete. Quando o rei e os seus convidados se sentaram, por arranjo prévio, um mendigo entrou na sala de jantar, sentou-se à mesa do rei e comeu. Depois, sem dizer nem uma palavra, abandonou a sala.

Os convidados ficaram indignados e pediram licença para ir atrás dele com o fim de o castigarem pela sua ingratidão.

Então o rei respondeu: "O mendigo acaba de fazer isto uma só vez a um rei terreno, ao passo que cada um de vós o tem feito a Deus três vezes ao dia. Sentais-vos aqui à mesa e comeis até ficar saciados. Depois saís sem prestar atenção a Deus, ou sem Lhe dizer uma palavra de agradecimento".

Agradecemos a Deus pelas Suas bênçãos. Ele providencia todas as coisas, supre as nossas necessidades diárias. Vamos neste dia e em todos os outros prestar atenção à Sua Palavra: "Sejamos agradecidos". □

ELEUTÉRIO

Que Significa o Seu Nome?

Roma, século I da era cristã. O dia começa fresco e risonho. A cidade desperta com a mesma azáfama de sempre. Por uma das suas muitas vielas passa um homem apressadamente. Leva a felicidade espelhada no rosto . . . parece querer dizer algo a todos os transeuntes. Finalmente encontra um amigo e detém-se a conversar com ele junto a um fontanário.

Conta-lhe, entusiasmado, que deixara de ser escravo, era livre! Um amigo ou familiar pagara o preço do seu resgate; por isso, abandonara o mercado de escravos com as cadeias que o manietavam. Já não tinha de aturar aquele romano impertinente e resmungão que era o seu amo! Agora precisava de juntar dinheiro suficiente para embarcar para a Grécia e levar uma oferta a "Eleutéria", deusa da liberdade na mitologia grega.

Ficção? Sim. Mas podia ter acontecido em Roma ou em qualquer outra parte do mundo conhecido de então. A escravatura era comum em todos os países, incluindo Israel.

Todo o escravo que obtinha liberdade era um *eleúzeros* no grego popular do primeiro século D.C. Tornava-se um homem "livre" (I Coríntios 12:13; Gálatas 3:28). Este vocábulo deriva da raiz grega *eleuzeria*, que significa "liberdade", e é usada 42 vezes no Novo Testamento em quatro formas diferentes.

O apóstolo João empregou-a para explicar a libertação do pecado que se obtém ao aceitar, por meio da fé e do arrependimento, o perdão que Jesus oferece: "A verdade vos libertará . . . Se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres" (João 8:32, 36).

Jesus é o "amigo" ou "parente"

que comprou os direitos sobre o ser humano; pagou o preço do resgate a fim de o libertar da escravidão do pecado, o qual, depois disso, já não tem domínio algum sobre nós.

A exploração do homem pelo homem foi superada com o sacrifício de Cristo por toda a humanidade (Filipenses 2:7).

O apóstolo Paulo usou também este vocabulário para explicar aos seus leitores a mesma verdade: "E, libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça" (Romanos 6:18). "Mas agora, libertados do pecado e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação e, por fim, a vida eterna" (Romanos 6:22). Paradoxalmente, o homem, depois de ser "livre" por meio de Cristo, passa a ser escravo (voluntariamente, por amor) de Deus, da justiça e do bem. Jesus Cristo liberta o homem do pecado para que viva em justiça e santidade, servindo-O.

Paulo diz na mesma epístola: "Porque a lei do espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte" (8:2). Deus não só torna o homem livre dos seus pecados pelos benefícios do sacrifício vicário de Seu Filho; mas oferece libertação de todo o pecado por meio da purificação, limpeza e santificação operada pelo Espírito Santo no coração do homem: "onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade" (II Coríntios 3:17).

O apóstolo Pedro usou este termo ao exortar os seus leitores a viverem "como livres, e não tendo a liberdade por cobertura da malícia, mas como servos de Deus" (I Pedro 2:16). □

• Grego, *Eleuzérios*, adjectivo de *eleúzeros*, "livre". Raiz indo-europeia *leudh*, "elevar-se, subir", como no latim *liber*.

—José Pacheco

ES CRAVA DE AMOR

*Eu sou a escrava
Do amor formulado
Em mil gestos
De renúncia
E de tragédia.
Patenteado
Pelos Calvários
De descrença
Ódio
E escárneo
Que Ele suportou neste mundo.
Eu sou a escrava
Do amor sublimado
Na derradeira entrega
De Si mesmo
Nessa cruz
Onde abandonado por todos
Mesmo por Deus
Ele
Me libertou!
Eu sou a escrava
Resgatada
Mas ainda
Escrava de amor!*

—M. Odette Pinheiro

A MÚSICA NA IGREJA

—Raymond C. Kratzer

A música na igreja é um dos ministérios principais da obra do Senhor. A Bíblia oferece exemplos abundantes, bem como exortações e sugestões quanto à adoração pública. Os hinos congregacionais, a música instrumental e diferentes grupos corais constituem parte vital do programa da igreja. Todos têm base sólida na Bíblia.

Embora a responsabilidade primordial do pastor seja a pregação da Palavra de Deus e a direcção do rebanho do Senhor, ele não deixa de ser responsável por cada uma das partes do programa de adoração. Há igrejas pequenas em que ele precisa de dirigir o canto congregacional e até cantar hinos especiais, se tem talento para isso. No entanto, sendo possível, é preferível que outros desempenhem tais responsabilidades.

A organização do programa musical, de modo a usar eficazmente todo o talento da igreja, não é fácil. Exige simplicidade, imaginação e conhecimentos especializados de música. À falta de tais conhecimentos, podem-se obter das casas publicadoras evangélicas bons livros respeitantes ao assunto.

O pastor deve procurar por todos os meios que o culto se torne interessante, inspirador e um verdadeiro meio de graça. As práticas sem nexos, os programas sem tom nem som e as repetições monótonas e inconscientes contribuem para diminuir a assistência e convertem a adoração em momentos de tédio.

Você já deve ter frequentado

alguma igreja em que a sua alma ficou abençoada com o cantar do coro no Espírito ou com um programa musical que deu graça e beleza ao culto. Talvez a igreja não fosse grande nem com possibilidades de tal grau de excelência, mas devido a uma direcção sábia e eficiente tornou-se um santuário de atmosfera preciosa.

Também é possível que tenha frequentado outras igrejas maiores sem receber tal bênção por meio da música, precisamente por esta não ter sido apresentada como devia.

Eis algumas sugestões, baseadas na experiência, que lhe poderão ser úteis:

1. Faça uma selecção cuidadosa dos hinos antes de cada culto e dê uma cópia da ordem do serviço ao pianista ou organista. Faça-o com bastante antecedência para lhe dar tempo de marcar as páginas do hinário e não ter precisão de as procurar freneticamente nos últimos momentos.

Devem estar dois hinários em cada piano ou órgão; um aberto no primeiro hino e outro no segundo, para que o "som da música" não cesse. Quem dirige os hinos deve anunciá-los em voz alta e clara, repetindo duas vezes o número. A introdução instrumental deve ser suficiente para permitir à congregação encontrar o hino.

2. É preferível que os hinos congregacionais não sejam extensos. Em geral, três estrofes devem chegar, a não ser que sejam curtas; então, é mais conveniente deixar a congregação sentada no

coro ou hino que precede a oração. É muito maçador estar sempre a sentar-se e a levantar-se.

3. Os hinos especiais requerem muita atenção. A comissão ou director de música precisam de estabelecer certas normas para os organizarem com sabedoria. Em primeiro lugar, o hino especial deve contribuir positivamente para a atmosfera do culto e não para uma exibição de talento. A experiência ajudará a escolher quem cumpre este ministério com os olhos em Deus e para a edificação dos ouvintes.

Deve haver combinação antecipada entre o solista ou grupo coral e a pessoa que acompanha ao piano ou órgão. Deste modo, logo que o hino especial é anunciado, começa a ser tocado, enquanto a pessoa ou pessoas que vão cantar chegam à plataforma. No fim, deve proceder-se do mesmo modo, até que se sentem. Assim será evitado o silêncio desnecessário que pode deixar mal as pessoas que acabam de cantar.

Um número especial muito demorado com quatro ou cinco estrofes, poderá ser fatal para o sermão. Três devem ser suficientes e, regra geral, basta cantar o coro duas vezes. Se o hino é realmente inspirador, pode-se repetir a primeira estrofe e o coro final. A segunda e a terceira podem ser cantadas em seguida, sem coro entre elas. Duas ou três estrofes cantadas com inspiração podem ser o climax dos cânticos especiais.

4. Os salmos estão cheios de estímulo quanto ao uso de instru-

mentos no culto, como meio de louvar o Senhor. O Salmo 150 exorta:

Aleluia.

*Louvai a Deus no seu santuário;
Louvai-o no firmamento do seu poder.*

Louvai-o com o som da trombeta

Louvai-o com o saltério e a harpa.

Louvai-o com o adufe e a flauta;

Louvai-o com os címbalos sonoros;

Louvai-o Louvai-o com címbalos altissonantes.

Que mal haverá em escutar uma orquestra no domingo à noite? Não tem nada de anormal! Pelo contrário, pode ser uma grande bênção tanto para os que tocam como para toda a igreja. Por que não usar todos os meios possíveis para abrihantar o culto?

5. Os programas musicais de domingo à noite podem ajudar muito no aumento da assistência. Poderá apresentar-se música sacra todos os meses ou de seis em seis semanas. Com boa publicidade e preparação, tais cultos podem ter grande êxito. Programas com temas como "Dia da Mãe", "Dia da Bíblia", "Música Sacra e Patriótica" e cantatas relacionadas com a Semana Santa, Páscoa, Natal, etc., são uma grande bênção. Não há desculpa para se deixar o culto de domingo à noite chegar ao nível de medíocre.

6. Uma introdução e uma conclusão musicais são convenientes — mesmo nos cultos durante a semana. É inspirador chegar à igreja alguns minutos antes para ouvir música que convida à adoração e, no fim, ter música adequada enquanto sai a congregação.

Como ministro do Deus Altíssimo, guie sempre o seu povo para o mais sublime, em todas as áreas da adoração. "Louvai ao Senhor, porque é bom cantar louvores ao nosso Deus; isto é agradável; decoroso é o louvor" (Salmo 147:1). □

TUDO VEM DE DEUS

—Acácio Pereira

É maravilhoso verificar como quase todos os nazarenos através do mundo participam na oferta de gratidão: uns dando e outros recebendo. Tem, realmente, um papel muito importante no nosso programa missionário mundial. Por seu intermédio são subsidiados missionários, pastores nacionais, crentes e igrejas.

Porém, em toda a oferta o mais sublime é o seu valor espiritual. De pouco ou nada valerá se não for acompanhada de humildade, oração e consagração.

Precisamos de humildade. Não faltam invenções espectaculares. O homem já chegou à Lua. Entretanto continua pobre e necessitado de Deus. "Que é o homem mortal para que te lembres dele? e o filho do homem, para que o visites?" (Salmo 8:4).

A oração é essencial. Os grandes avivamentos têm sido precedidos de muita oração. As nossas ofertas devem ter o cunho de uma oração. A busca de Deus exige mais que simples assistência aos cultos. Implica entrega total, consagração sem reservas. O coração deve acompanhar a oferta.

Na nossa vida há sempre algo a rectificar. Não é a oferta que nos converte, mas precisamos estar convertidos para ofertar. A moleza espiritual e a falta de amor cristão estorvam o nosso passo. A oferta sem amor é como sino que retine. Apregoa aos quatro ventos a vaidade do ofertante. Não seja essa a nossa atitude perante os necessitados de alma e corpo! "Em verdade vos digo que, quando o fizeste a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes" (Mateus 25:40).

Demos graças a Deus sem cessar. Que temos nós que não tenha vindo directamente das Suas benditas mãos? Agradecemos-Lhe a salvação e libertação do pecado; a igreja que nos continua a alimentar espiritualmente; os familiares e amigos na fé que nos animam com o seu companheirismo; o trabalho e a saúde; enfim,

todas as coisas. O Senhor no-las providencia dia após dia milagrosamente: "Porque tudo vem de ti, e das tuas mãos to damos" (I Crônicas 29:14). Por mais que ofereçamos a Deus, nunca ultrapassamos o que Ele nos tem dado.

É uma oportunidade e um privilégio mostrar a nossa gratidão contribuindo para o avanço da Sua obra. Outros já o fizeram antes. Agora façamo-lo nós. Juntemos forças e demos generosamente para que a mensagem da nova vida em Cristo chegue até aos confins da terra. □

CHAMO-TE AMIGO

—Teresa Maria N. Santos

Lisboa, Portugal

Deus,
chamo-Te Amigo,
porque és fiel e bom,
apoias-me, ajudas-me
e dás-me a Tua mão;
tens-me amor.

No dia a dia
vejo na minha vida
a transformação.

O nada voltando em tudo...
milagres, sonhos, ideais,
batalhas e vitórias.

Essa Palavra oportuna,
essa chamada de atenção,
feita com tanta ternura
que toca nosso coração,
mas ao mesmo tempo
deixa um sabor de alegria
por ser emitida
por Ti.

Pelo Teu amor,
esse amor que tanto tem feito
por mim.

Chamo-Te Amigo,
não por Te teres adaptado
ao meu coração endurecido
pela muita maldade;
mas antes, por me teres
modificado,
de batalha em batalha,
de vitória em vitória.

Fizeste de mim
algo diferente,
algo bom:
Tua amiga,
Tua filha.
Obrigada! □

Obrigado, Senhor

—Donna Fillmore

Foi precisamente num domingo de manhã durante a classe da Escola Dominical. A conversa versou sobre um assunto muito interessante—oração e acção de graças.

No entanto a discussão referente à lição só começou, quando o dirigente abriu o caminho para se poderem dar testemunhos de como Deus respondera especificamente à oração na última semana. A princípio ninguém falou. O professor foi o primeiro a mencionar o que lhe tinha ocorrido recentemente, de como Deus ajudara num problema a canalização e numa longa viagem de negócios. Com a porta aberta também outros quiseram compartilhar as suas experiências de—como Deus dera bom tempo em determinado dia especial—como fizera aparecer misteriosamente o dinheiro indispensável no momento preciso—e por aí adiante.

Eram relatos que estimulavam. Entretanto, um aluno da classe começou a clamar que parassem. “Como é que podem atribuir todas essas coisas à vontade de Deus como sendo resposta à oração?”, perguntou. “Que pensar acerca da pessoa que ora para pedir mais luz? Significará que Deus atendeu e respondeu favoravelmente à oração? Será justo orar por coisas tão específicas como essas? Não poderíamos em vez disso orar simplesmente para que fosse feita a vontade de Deus?”

Numa discussão animada mas ordeira, ocupou o tempo restante da classe. Algumas perguntas obtiveram resposta, outras não; mas surgiu uma conclusão interessante, a saber: Se nós confiamos verdadeiramente em Deus quanto a dirigir as nossas vidas e queremos que o Seu propósito se cumpra em nós, então devemos estar muito gratos—pelas coisas boas e mesmo por aquelas que o não são.

A Bíblia tem certas declarações relacionadas com este assunto. I Coríntios 10:13 sugere que as dificuldades e tentações são apenas na proporção da nossa capacidade individual para as podermos vencer com a ajuda de Deus. Tiago 1:2, segundo a tradução grega, diz que devemos ter alegria sem mistura de tristeza, quando os sofrimentos nos forem enviados. Apesar de podermos ser em parte castigo de Deus, revelam-nos o Seu amor e devem ser bem-vindos.

A falha duma filosofia como esta fundamenta-se, com certeza, na sua aplicação prática. É difícil levantar-se e dizer: “Obrigado Senhor pela oportunidade de testificar a quatro companheiros na Garagem Gonçalves. Não o teria podido fazer se não se tivesse estragado o radiador cuja reparação me custou dinheiro”.

Por que acontecem tais coisas? Talvez para podermos sentir a necessidade de nos tornarmos mais como aquele menino que principiou a orar:

Obrigado pelo mundo tão encantador.

Obrigado pelas aves que cantam.

Obrigado pela comida que comemos—

mas então fez uma pausa e perante a maravilhosa bondade de Deus exclamou:

Obrigado Senhor—por todas as coisas! □

AGRADECIMENTO A DEUS

—Nedy Simões*

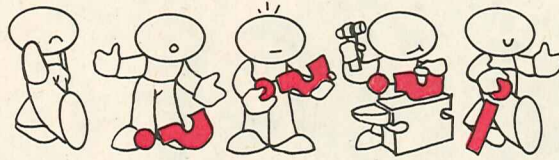
Senhor! Hoje quando vejo o presente, sinto o passado. No presente a Tua protecção, a comunhão Contigo, o amor, a paz duradoura, a segurança no futuro, a mais bela alegria da salvação: tudo Te agradeço Senhor!

Quando olho para o passado, sinto a Tua misericórdia. Sim, eu lá estava no meio daqueles que hoje vivem cheios de derrotas e pareciam tão vitoriosos! Castelos de fantasias em que tudo parecia bom. Era a falsa vida operando em nós.

Inocentes quanto ao futuro, não sabíamos que tudo era tão passageiro. Uma flor tem o seu dia de formosura, mas cedo murcha. Hoje sinto que naquele dia, Senhor, em que me buscaste, Tu usaste a Tua rede de amor e misericórdia!

Que bela isca Tu usaste, tão saborosa, a Tua Palavra. Obrigado, Senhor, pela salvação que me deste com a promessa da vida eterna. □

*Belo Horizonte, Brasil



PERGUNTA E RESPOSTA

✓ Certo pastor disse que, segundo I Coríntios 7: 36, se os noivos tiverem relações sexuais antes do casamento não pecam. Será verdade que dita passagem permita tal prática?

Não. As relações sexuais pré-matrimoniais são pecado. O pecado não é perdoado com a legalização do casamento, mas com o arrependimento e o perdão de Deus. A qualidade moral de um acto não muda devido a outra acção subsequente. Embora os noivos se venham a casar, o matrimónio não expia o pecado nem a culpa. Só o "sangue de Jesus Cristo nos purifica de todo o pecado".

✓ Você crê que Deus concedeu autoridade ao cristão para expulsar o diabo? Por exemplo, actualmente prega-se e ensina-se que se alguém está doente é porque não usa a autoridade que Deus lhe deu de expulsar Satanás do seu corpo. Alguns pregadores mencionam com frequência esta doutrina e eles próprios nunca adoecem.

Uma vez que Jesus Cristo tem toda a autoridade no céu e na terra, pode dar ordens às pessoas e aos demónios. Mas nós, porque a não temos, não o podemos fazer. Se o Senhor Jesus deseja dar ordens por nosso intermédio, fá-lo-á. Mas estou certo que Ele tem mais interesse em que aprendamos a receber ordens que a dá-las.

Quanto a Satanás deixar alguém para sempre, quero recordar o caso de Jesus que nunca o deixou só. Quando Jesus o expulsava, ele voltava de novo (Mateus 4:10-11; Lucas 4:13). Satanás nunca se afasta de nós para sempre.

Não é bíblico atribuir toda a enfermidade a Satanás. Se você se encontra num quarto rodeado de pessoas constantemente a espirrar, é provável que fique constipado. Será vítima de uma circunstância humana e não da malícia de Satanás.

O facto de alguns pregadores não adoecerem, não é surpreendente. Há pessoas muito pecadoras, más e cheias de vícios que não ficam doentes.

Além disso, tenho visto pregadores de cura divina que adoecem e acabam por morrer. Creio na cura e na saúde, mas existem santos doentes e pecadores com boa saúde, o que leva a não se poder generalizar.

Penso que é mais importante obedecer a Cristo que ordenar isto ou aquilo a Satanás.

✓ Sempre desejei que as ofertas e dízimos que dou para a igreja, não fossem divulgadas. Entretanto, segundo fui informado, o nosso pastor recebe semanalmente um relatório de cada ofertante. Creio que se uma pessoa o pode saber, também outras o saberão. Eu não tenho interesse em saber quanto dão os outros. Gostaria que comentasse o assunto em "O Arauto da Santidade".

Posso compreender como você se sente ao saber que o pastor da igreja está ao par de quanto oferece. No entanto, ele deve fazê-lo por algo mais que simples curiosidade. No seu caso, creio que o mais importante é decifrar o uso que ele faz de tal informação. Ele é responsável pelo seu crescimento espiritual e existe uma relação evidente entre este e a sua mordomia financeira. Sabendo quanto dá para a igreja, saberá com quem contar e de quem depender. Acredite na sua boa intenção e no interesse que lhe dedica, quaisquer que sejam os métodos usados.

Continue a ser fiel nos dízimos e ofertas. Lembre-se de que Jesus "observou" como ofertavam as pessoas, segundo Marcos 12:42-44. Ele não só cuida das aves, mas também do prato das ofertas. Se somos fiéis e honestos com o nosso dinheiro, não nos importa que Deus, o pastor ou mais alguém o saibam.

✓ Se, como Deus, Cristo é um com o Pai e o Espírito Santo, como é possível que o Filho, Jesus Cristo, não saiba nem o dia nem a hora da Sua segunda vinda à terra?

É evidente que a encarnação de Jesus significou que Ele, como homem, estaria sujeito às mesmas leis de crescimento quanto ao conhecimento. Por isso, quando Ele disse essas palavras que se encontram em Mateus 24:36, não sabia o momento preciso em que voltaria de novo. Agora Ele sabe, mas eu não o sei, daí a obrigação de estar preparado para esse acontecimento glorioso.

O Filho do Homem experimentou cansaço (cf. Isaías 40:28 e João 4:6). Apesar disso, Jesus Cristo era a Palavra ou Verbo de Deus que se fez carne, que estava "com Deus" e "era Deus", desde antes da criação do mundo. □

EXALTANDO A CRISTO

O Senhor é bom...
(Naúm 1:7).

Obrigado, Senhor

***Igreja do Nazareno
Oferta de Gratidão para o Evangelismo Mundial***